

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

26



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2017

divino, este sistema de valores vem precisamente subverter o domínio politeísta da Antiguidade e configurar o destino nas mãos do homem comum.

A título de reparo, referir-se-á algumas críticas de somenos importância à colectânea de textos. A primeira lacuna, certamente a considerar no aspecto gráfico, é obviamente a depuração visual na obra. Apesar de cada ensaio conter um fotograma (ressalte-se uma selecção menos airosa do monocromático preto e branco) retirado de um filme, escolhido de modo aleatório por cada autor, a obra peca pela falta de imagens elucidativas das películas que analisa, detalhe este que podia ter sido evitado ao rematar-se o livro com um apêndice de imagens ilustrativas, mas que em nada compromete a excelência e rigor do conteúdo dos textos de análise. Far-se-á, ainda, um outro reparo à disposição dos filmes em cada capítulo, disposição essa feita sem consideração por uma articulação cronológica das películas, o que torna a leitura um tanto dispersa e confusa. Mais proveitoso seria se tivesse sido dada preferência a uma metodologia diacrónica de análise dentro de uma das 4 partes que compõem a obra. Reconsidere a leitura da obra aquele a quem não aprouverem revelações de enredo, já que os textos nela contidos expõem os filmes que trata na mais pormenorizada completude.

A recepção da Antiguidade no cinema é matéria que tem preocupado os teóricos sobretudo nas últimas décadas. Por ser um tão complexo e prazeroso domínio, os estudos de cinema têm gerado excelentes reflexões e incitado à intertextualidade para uma maior compreensão de toda uma panóplia cinematográfica, em especial do Mundo Antigo. A obra *Classical Myth on Screen* é sintomática desse conjunto estímulo, pelo que se traduz numa fabulosa crónica de conhecimento e num excelente contributo para o estudo do cinema e da mitologia no ecrã. O impecável texto enxuto e sem excesso de floreios é notavelmente o reflexo de extensas horas de empenho e investigação, honrando o papel do filme como *medium* que leva a cabo a materialização visual da palavra e da tradição da literatura clássica na sociedade de hoje.

Sílvia Catarina Pereira Diogo

Universidade de Lisboa

BARBARA RYAN & MILETTE SHAMIR, eds. (2016), *Bigger than Ben-Hur. The Book, Its Adaptations, & Their Audiences*, Syracuse, New York, Syracuse University Press, 269 pp. ISBN: 978-0-8156-3403-4 (Hardcover: \$65.00; Paperback: \$34.95).

Depois de o célebre romance de Lew Wallace, *Ben-Hur. A Tale of the Christ*, publicado em 1880, ter sido estudado sobretudo nas suas formas adaptadas, nomeadamente ao cinema, tópico de que o muito recente estudo de J. Solomon, *Ben-Hur: the Original Blockbuster* (2016) é um dos melhores exemplos, chega-nos agora às mãos este extraordinário conjunto de trabalhos, que se centram não apenas nos filmes, mas também no romance de base, bem como na sua recepção e outros tipos de adaptações, do teatro aos produtos de *merchandising*.

Apesar de muitos académicos considerarem o romance que deu origem a Ben-Hur um dos piores alguma vez escritos nos EUA, o facto é que a fortuna e o êxito que personagem e argumento tiveram na História da Cultura Popular é tal que seria no mínimo pouco ético ignorá-la. Só para

o cinema, o romance conheceu cinco adaptações, uma das quais de 2016 (Timur Bekambetov). Outra delas (a de William Wyler, 1959), por sua vez, foi um dos filmes que até aos dias de hoje mais prémios da Academia de Artes Cinematográficas de Hollywood (vulgarmente conhecido por Óscares) recebeu (11).

Ben-Hur é um misto de épico bíblico com *sandal movie*, ambientado em meio romano. Batalhas navais, corridas de quadrigas, a emergência do cristianismo e uma mensagem política indiscutivelmente actual (questão sionista) são ingredientes que contribuíram e continuam a contribuir para o êxito, sobretudo popular, do enredo e suas adaptações e recepções. Deve levar-se, pois, em conta a época da sua composição, a segunda metade do século XIX, bem como os vários tempos da sua recepção: de 1880 aos nossos dias. Hoje como ontem, o interesse pela Antiguidade está vivo, sendo movido essencialmente por preocupações tipológicas, que vêm nos tempos antigos prefigurações de vivências contemporâneas. A adopção dessa perspectiva não será por certo estranha ao êxito de *Ben-Hur*.

É também por isso oportuno este conjunto de trabalhos coordenado por B. Ryan e M. Shamir. O livro é composto por um total de onze estudos, a que acresce uma introdução e um prefácio, este da autoria de N. Sinyard, Professor Emérito de Estudos Fílmicos e Cinematográficos da Universidade de Hull.

Assim, os primeiros ensaios aqui reunidos propõem-nos sobretudo análises e contextos para o romance de L. Wallace. Assim, o estudo de E. Shaley, «*Ben-Hur's* and America's Rome. From Virtuous Republic to Tyrannous Empire» (pp. 18-32) foca-se na história da representação da Roma Antiga na cultura americana oitocentista. Sem surpresas, percebe-se que a Roma clássica foi muitas vezes usada como modelo para a jovem república americana; mas, como se de um outro lado da moeda se tratasse, a mesma Roma foi também usada para representar os vícios que acabaram por contaminar essa imagem idealizada. M. Shamir propõe um estudo sobre «*Ben-Hur's* Mother. Narrative Time, Nostalgia, and Progress in the Protestant Historical Romance» (pp. 33-51). Com este trabalho, a coordenadora do volume centra-se na estrutura do romance de Wallace, destacando o papel das personagens femininas, como a mãe de *Ben-Hur*, num enredo essencialmente masculino. O terceiro ensaio, da autoria de J. J. A. Gatrall, «Retelling and Untelling the Christmas Story. *Ben-Hur*, Uncle Midas, and the Sunday-School Movement» (pp. 52-73), traz à colação um outro texto de Wallace (*The Boyhood of Christ*, 1886) e relaciona-os com a pedagogia protestante neo-cristã do século XIX nos EUA.

O ensaio de H. Obenzinger, «Holy Lands, Restoration, and Zionism in *Ben-Hur*» (pp. 74-90), enceta o conjunto de trabalhos dedicados à adaptação do romance de Wallace ao cinema. De forma interessante e pertinente, o A. analisa o interesse precoce dos EUA pela Terra Santa e pela questão de Israel e do Sionismo e como isso tem alimentado a expressão cultural de *Ben-Hur* é exemplo. Já H. Miller, «In the Service of Christianity». *Ben-Hur* and the "Redemption" of the American Theater, 1899-1920» (pp. 91-107), centra-se nas adaptações teatrais da narrativa de Wallace e no modo como elas acabaram por ser decisivas para as versões cinematográficas do romance.

O artigo «June Mathis's *Ben-Hur*. A Tale of Corporate Change and the Decline of Women's Influence in Hollywood», de T. J. Slater (pp. 108-124), consiste numa análise do primeiro argumento escrito para o filme que viria a ser produzido em 1925 e que se tornou um dos primeiros mega-êxitos da História do Cinema. O sétimo estudo é da autoria de R. Walsh e tem como título «Getting Judas Right. The 1925 *Ben-Hur* as Jesus Film and Biblical Epic» (pp. 125-142). Este trabalho aborda sobretudo as questões da representação de Jesus no cinema, tema que, por si só, tem justificado

extensos e importantes estudos no domínio da recepção da Antiguidade na Sétima Arte. Quanto ao trabalho apresentado por B. Ryan, «Take up the White Man's Burden. Race and Resistance to *Ben-Hur*» (pp. 143-161), ele revela-se um dos mais interessantes deste conjunto de trabalhos, na medida em que lida com uma problemática omnipresente nestes domínios, que é a do simbolismo da «raça» e nas formas de apropriação e contestação dos temas históricos em contextos marcados por agendas ideológicas várias. O facto de a personagem Ben-Hur ser simultaneamente protagonista e judia, por exemplo, motivou reacções em vários quadrantes e sociedades (e.g. igrejas cristãs) que merecem ser analisadas e estudadas. O trabalho de I. R. Hark, «The Erotics of the Galley Slave. Male Desire and Christian Sacrifice in the 1959 Film Version of *Ben-Hur*» (pp. 162-178), regressa a um tema sempre presente nas problemáticas da imagem, e particularmente pertinente nos dias de hoje, que é o do erotismo e seu uso no quadro de uma representação histórica. Objecto de uma polissemia de funções, o erótico (hétero e homossexual) está também presente nas composições de Ben-Hur e seu ambiente (não excluindo o tema da morte de Jesus) e é esse aspecto que Hark aqui salienta com competência. D. Mayer, por sua vez, apresenta «Challenging a Default *Ben-Hur*. A Wish List» (pp. 179-190), texto que pretende salientar omissões significativas na passagem do texto ao meta-texto, fazendo como que um conjunto de sugestões a serem aproveitadas para eventuais futuras adaptações do romance de L. Wallace.

Por fim, o texto do deão dos estudos fílmicos de tema antigo, J. Solomon oferece-nos uma monumental apreciação da recepção do tema central do livro em vários domínios da cultura popular, não esquecendo a publicidade e o *marketing* de consumo rápido e fácil («Coda. A Timeline of Ben-Hur Companies, Brands, and Products» (pp. 191-214).

Assim, confirma-se um conjunto de trabalhos do maior interesse que funciona sobretudo como contextualização de um tema maior no domínio do binómio «Antiguidade e Cinema». O livro é, por isso mesmo, de leitura obrigatória por todos os que se interessam por esta temática ou a dos estudos de recepção.

Salientemos ainda um conjunto de oito ilustrações incluídas no volume, o que, no entanto, nos parece pouco, dada a temática em apreço. Mas conhecemos bem também as dificuldades no uso deste tipo de imagens em publicações desta natureza. Há ainda duas tabelas de grande utilidade uma bibliografia selecta e actualizada sobre o tema.

Resta-nos frisar que seria importante que estudos desta natureza se fizessem para outros exemplos maiores da cinematografia de tema antigo, como *Spartacus*, *Quo Vadis* ou *The Robe*.

Nuno Simões Rodrigues

Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa